

Longe de casa, de olho na CPI

SÃO FRANCISCO — O fato de o presidente Fernando Henrique ficar longe do Brasil por uma semana, na viagem ao Japão e à Califórnia, passou a ser considerado um trunfo do governo na negociação de uma saída para a crise da CPI dos bancos. O presidente adotou um discurso conciliatório, minimizando o impacto da decisão do Senado, e ganhou tempo para neutralizar, nos bastidores, a instalação da comissão. Há demonstrações, no momento, de que o presidente do Senado, José Sarney, e parte do PMDB serão tratados como oposição. Devem perder espaço no governo.

A possibilidade de se esfriar a instalação da comissão teve sinais concretos até mesmo no Hotel Westin Saint Francis, onde o presidente estava hospedado. O governador de Tocantins, Siqueira Campos (PPB), comunicou ao presidente e a outros integrantes da comitiva de que os três senadores de seu estado — Carlos Patrocínio (PFL), Leomar Quintanilha (PPB) e João Rocha (PFL) — estavam “profundamente arrependidos” de terem assinado o pedido da criação da CPI. Sarney não os teria sequer comunicado da leitura do documento no plenário do Senado. Segundo Siqueira Campos, os três senadores de Tocantins, se pudessem, voltariam atrás.

Aposta — O governo aposta que o senador Sarney ficará isolado. Além dos senadores de Tocantins, o governo já estaria colhendo outros depoimentos na mesma linha, reforçando o sentimento de que assim que a poeira baixar, a CPI passará a ser sustentada apenas pela oposição de fato ao governo. A viagem do presidente Fernando Henrique ao exterior levaria o tempo necessário para esta reflexão. Quem assinou a lista por impulso, recuaria agora. “Parlamentar extravasa e depois pensa melhor”, comentou um integrante da comitiva.

O recuo dos parlamentares pode merecer uma explicação mais pragmática: o medo da retaliação. Fernando Henrique teria concluído que será inevitável algum tipo de mexida no governo. Não se fala em mudar ministros, mas há muitos cargos controlados por parlamentares do PMDB que podem mudar de mãos. Ou seja, o presidente Fernando Henrique estaria desistindo dos aliados ocasionais ou só formais, ficando apenas com quem dá sustentação efetiva. E isso preocupa muito os parlamentares em um ano eleitoral, quando o apoio do governo é sempre um ponto importante, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. (RT)